



EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE EM MULHERES: UM ESTUDO DE CASO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

The experience of sexuality in women: a case study in existential-phenomenological perspective

La experiencia de la sexualidad en las mujeres: un estudio de caso en la perspectiva fenomenológico-existencial



Luciana Fernandes de Medeiros



Irene Borges-Duarte



Resumo

Esse trabalho objetiva compreender a experiência da sexualidade, através de um estudo de caso, com uma mulher de 50 anos, de nível superior e trabalhadora do campo da assistência. A partir da análise, sob a perspectiva fenomenológico-existencial, observa-se que, para a participante, foram naturalizados o casamento e a maternidade. As primeiras experiências sexuais foram difíceis em função do seu desconhecimento sobre a temática, originado, principalmente, pela falta de diálogo sobre o assunto em sua família. Sofreu também experiências de violência, sobretudo psicológica. Em função de sua profissão e do seu trabalho, a participante foi se apropriando, ao longo do tempo, de leituras e reflexões sobre a violência, a sexualidade e as questões de gênero. Sendo assim, ela considera que tem sido muito importante sua vivência em um mundo social e politicamente engajado o que lhe possibilitou assumir um cuidado mais próprio sobre sua existência e sobre sua sexualidade.

Palavras-chave: sexualidade, perspectiva fenomenológico-existencial, mulher.

Abstract

This work aims to understand the experience of sexuality, through a case study, with a 50-year-old woman, with higher education and working in the care field. From the analysis from to phenomenological-existential perspective, it is observed that, for the participant, marriage and motherhood were naturalized. Her first sexual experiences were difficult due to her lack of knowledge on the subject, mainly due to the lack of dialogue on the subject in his family. She also suffered experiences of violence, mainly psychological. Due to her profession and work, the participant acquired, over time, readings and reflections on violence, sexuality and gender issues. Therefore, she considers that her experience in a socially and politically engaged world has been very important, which has enabled her to take more personal care of her existence and her sexuality.

Key-Words: sexuality, phenomenological-existential perspective, woman.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo comprender la experiencia de la sexualidad, a través de un estudio de caso, con una mujer de 50 años, con educación superior y que trabaja en el campo del cuidado. Del análisis desde una perspectiva fenomenológico-existencial se observa que, para la participante, el matrimonio y la maternidad fueron naturalizados. Sus primeras experiencias sexuales fueron difíciles por su desconocimiento sobre el tema, principalmente por la falta de diálogo sobre el tema en su familia. También sufrió experiencias de violencia, principalmente psicológica. Por su profesión y trabajo, la participante adquirió, con el tiempo, lecturas y reflexiones sobre violencia, sexualidad y cuestiones de género. Por ello, considera que ha sido muy importante su experiencia en un mundo social y políticamente comprometido, lo que le ha permitido cuidar más personalmente su existencia y su sexualidad.

Palabras clave: sexualidad, perspectiva fenomenológico-existencial, mujer.

Introdução

A sexualidade humana é um tema bastante trabalhado em diversos campos do saber tais como medicina, psicologia, antropologia, sociologia, literatura, dentre outros. Ainda assim, continua trazendo questionamentos e discussões aparentemente inesgotáveis. Apesar de tantos saberes, a pluralidade de experiências que, muitas vezes, surpreende a pessoa mais informada, assim como a quantidade de queixas relacionadas a essas vivências nos consultórios médicos e psicológicos, traz à tona a necessidade de continuar a produção de conhecimento sobre essa temática. No Brasil, por exemplo, a polêmica sobre a pertinência ou não de educação sexual nas escolas, previstas no Plano Nacional da Educação (PNE), cujo texto foi rechaçado por parte da sociedade (Brandão & Lopes, 2018), provoca parte da comunidade acadêmica a compreender melhor esse assunto e a entender as dificuldades sobre esse tipo de discussão.

A ideia desse trabalho, portanto, parte da perspectiva de que a sexualidade é uma experiência importante para a saúde e a qualidade de vida e de que, muitas vezes, por diversos motivos, algumas experiências da sexualidade podem trazer mais sofrimento do que bem-estar. Nessa perspectiva, para se chegar a uma possibilidade de compreensão sobre a sexualidade feminina no contexto latino americano, faz-se necessário tomar como ponto de partida a leitura de alguns autores que se debruçaram sobre a temática e discutir as ideias que tenham maior sentido para uma compreensão sobre a mesma. Assim, em alguns estudos sobre gênero, evidencia-se uma distinção entre sexualidade feminina e masculina (Detoni, Machado e Nardi, 2018; Beraldo, Birchall & Mayorga, 2017; Marquetti & Marquetti, 2017; Beauvoir, 1949/2016; Zanello, Fiuza & Costa, 2015; Foucault, 1988, 1994). Esses autores mostram como essa suposta natureza feminina pré-determina a maneira como a mulher vivencia sua sexualidade, geralmente assumindo alguns papéis sociais e comportamentos atribuídos, social e culturalmente, ao “ser mulher”.

De maneira geral, observa-se, na literatura estudada, dois aspectos fundamentais: 1) o discurso hegemônico da sexualidade feminina restrita à dimensão biológica, 2) a vivência sexual frustrada de muitas mulheres em função de uma educação/cultura permeada pelas questões relacionadas ao gênero e à heterossexualidade normativa. A exigência social para que cumpram este padrão preestabelecido aprisiona as mulheres ao desejo do Outro, silenciando-as em uma vivência de impotência (Beauvoir, 1949/2016; Henriques, 2016). Muitas mulheres não têm consciência dessa submissão ao outro. Ademais, há uma efervescência de discursos normativos, de ordem moral e religiosa, sobre sexualidade que tendem a ser absorvidos acriticamente.

Por outro lado, há constantes apelos e formas variadas de estímulo da sexualidade por parte da mídia. Como vivenciar, então, a sexualidade nesse contexto de renúncia, controle dos desejos e, ao mesmo tempo, de uma certa estimulação sexual presente na mídia? Não há uma resposta fácil a essa questão, pois, se muitas mulheres pensam ser natural essa experiência menor prazerosa do sexo, outras questionam tal condição e buscam experienciar a sexualidade de maneiras diferentes, mas precisam se manter discretas para não serem julgadas pelo outro. Ademais, debater sobre sexualidade e gênero tem se mostrado bastante relevante em termos políticos, sociais e culturais, sobretudo no que se refere aos direitos humanos e para a diminuição da discriminação e preconceito. Contudo, é um debate constantemente ameaçado, sobretudo no contexto brasileiro (Brandão & Lopes, 2018). Mesmo com os movimentos feministas que contribuíram para a emancipação da mulher e a problematização das desigualdades de gênero, muitas mulheres sofrem com a questão

do sexo e da sexualidade, seja porque ainda se sentem aprisionadas com as normativas, seja porque há uma expectativa romântica associada à sexualidade.

Para o desenvolvimento desse trabalho, tomou-se como princípio a perspectiva hermenêutica fenomenológica, com base nas ideias de Martin Heidegger (2012, 2015), que considera o ser humano como Dasein. O Dasein está no mundo, aberto para construir sua própria existência, portanto, é ser-no-mundo, vivendo no e através dele, de maneira que suas experiências normalmente estão permeadas daquilo que está em seu horizonte de possibilidades. A perspectiva fenomenológica existencial tem como um de seus pressupostos a ideia de que há várias possibilidades para a compreensão de um determinado fenômeno (Feijoo, 2011). Essa compreensão sempre parte de um determinado ponto de vista, que está sempre presente no horizonte de possibilidades daquele que se enuncia.

Por esta perspectiva, indagamos: como a mulher vai vivenciar seu ser-no-mundo, seu poder-ser se está tão impregnada de “verdades” sobre a relação amorosa, sobre a sexualidade, sobre si mesma? Como as mulheres vivenciam sua capacidade de conduzir suas próprias vidas em meio às expectativas culturais e sociais? E onde fica a sexualidade nisso tudo? Nesse sentido, pode ser interessante conhecer a experiência da sexualidade para o Dasein para que, de fato, se conheça e se compreenda melhor essa vivência sem o peso das crenças e valores, muitas vezes, contraditórios. A perspectiva fenomenológica-existencial busca justamente a compreensão de experiências e vivências das pessoas, o que pode evidenciar seus modos de ser e de ver o mundo, bem como apontar novos caminhos de entendimento e possibilidades de existência.

Objetivos

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa que objetiva compreender e analisar a experiência da sexualidade em mulheres sob a perspectiva fenomenológica-existencial. Mais especificamente, identificar concepções de sexualidade e como estas contribuíram para as vivências sexuais. Nesse trabalho, em específico, será discutido um estudo de caso.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi/FACISA sob o parecer número 5.354.162. É uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo. Para a constituição do grupo de participantes da pesquisa, o link do formulário do Google Forms foi repassado através de diversos grupos de WhatsApp de maneira a atingir o maior número de pessoas, com características diversas, em vários lugares do país. As participantes da pesquisa deveriam ser mulheres acima de 18 anos, residentes em qualquer cidade brasileira. No formulário, foi solicitado o e-mail caso a participante desejasse conceder uma entrevista on-line pelo Google Meet. Dessa maneira, 13 mulheres se colocaram disponíveis para participar da entrevista individual, mas, até o momento, foram realizadas 06 entrevistas. Dessas, uma entrevista se destacou, pois a participante trouxe uma narrativa bastante detalhada sobre sua experiência como mulher, elaborando algumas análises sobre suas vivências com a sexualidade, de maneira que foi escolhida para compor o presente estudo de caso.

O estudo de caso foi realizado com uma mulher a quem será dado o nome fictício de Simone. Ela tem 50 anos, possui nível superior, é funcionária pública e trabalha no campo da assistência. Passou por dois casamentos, está atualmente divorciada e tem dois filhos. A entrevista (01), com duas horas de duração, foi analisada a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. Assim, foi realizada a imersão na leitura da transcrição da entrevista, observada as afetações dela decorrentes e a reflexão sobre possíveis caminhos para a análise. Nesse caminho, dois temas se evidenciaram no discurso de Simone: 1) ser-mulher, para mim, é existir para o outro; 2) ser-sexuada, agora, é existir consigo e/ou com o outro.

O primeiro tema foi pensado a partir das experiências da entrevistada com relação ao ser-mulher e às questões de gênero que perpassam essas experiências. Já o segundo tema foi fruto dos momentos finais da entrevista em que a participante se mostrou mais à vontade para emitir suas reflexões em relação às suas experiências de sexualidade e aos relacionamentos na maturidade. A seguir, os temas estão descritos e analisados sob uma ótica fenomenológico-existencial heideggeriana.

Resultados e discussão

Ser-mulher, para mim, é existir para o outro

Simone, se mostrou bastante disponível para conversar sobre a temática de ser-mulher e sua experiência com a sexualidade. A primeira pergunta realizada foi “o que é ser mulher para você?”. Ela começou sua resposta falando sobre maternidade:

Eu acho, pra mim, esse, esse aspecto materno, ele é muito importante. E na minha família, isso é muito sério. (...) porque tem umas coisas em mim com essa questão materna, esse compromisso da mulher com o filho... é uma coisa que sobrepõe muitas outras, entendeu? E eu me fiz essa avaliação quando eu fiz, agora, 50 anos que eu vivi muito para os meus filhos.

Chama atenção o fato de que, ao ser convocada a falar sobre o que é ser mulher, Simone logo evoca a imagem da maternidade. Ser-mulher, para ela, aparece bastante relacionado ao ser-mãe e uma mãe muito comprometida com os filhos, no sentido de esse cuidado se sobrepor a outros aspectos que permeiam a existência da mulher. Beauvoir (2016) explicou muito bem o quanto é valorizado o papel reprodutivo da mulher e como isso contribui para uma “naturalização” do ser mulher como mãe e tão somente mãe. Henriques (2016) comenta como o ser mulher carece de alteridade posto que está sempre em função de um modelo de sociedade que a coloca num lugar naturalizado (o de ser mãe). Nesse sentido, a mulher é convocada o tempo inteiro para cuidar do outro, do filho e até mesmo de outras pessoas:

Aí a psicóloga: “não, mas você fala assim como se toda mulher de 50 anos fosse velha”, “não, eu tô te falando porque eu sou chata”, aí ela começa a rir. Mas, assim... é... eu acho (...) eu avaliei que foi quando eu tive filhos, entendeu? Eu acho, assim, que a minha porção mulher, ela se dedicou muito aos outros.

Continuando sua história sobre ser mulher, Simone traz algumas experiências que vivenciou em sua juventude:

(...) tem horas que a gente fica agoniada, né, da gente não [interrompe] tipo assim, como o cara te trata... ou como tu gostaria de fazer... alguma relação, e, de repente, a gente não, não saber exatamente nem o que dizer, entendeu? O que você quer... Então era meio que, era muito no que acontecia, no que eu sentia, era muito assim, não tinha uma coisa “ai, eu sei o que eu estou fazendo”, não tinha isso. Mas eu ia, entendeu?

O não saber sobre sexualidade e relacionamentos não impediu Simone de viver as experiências. Vivenciar aquilo que aparece como forma de aprendizagem faz parte da juventude, no entanto, é de se supor que se Simone tivesse um conhecimento maior sobre as questões de sexualidade, talvez não houvesse se colocado em algumas situações de risco:

Não sei se você entende, que era tudo meio assim: “ah, eu vou fazer, mesmo, é loucura”, mas era, era... hoje, eu digo assim: “meu Deus, eu me meti em muitas, é, situações que poderiam ter dado coisa muito ruim pra mim”, entendeu? Tipo assim, a gente ia pra uma festa, uma balada, um monte de gente, poucas meninas e um monte de homem, entendeu? E aí eu falei “gente, como a gente é louca”, porque, tipo assim, a gente acha que... vai e tal, vai de vestido, vai de blusinha e tal, aí acha que tudo tem um apelo sexual, né, mas, assim... não sabia os riscos, na verdade, do que tava ocorrendo.

Essas experiências mostram um certo descuido existencial com seu ser, que é compreensível em função de toda uma normatividade sobre a suposta fragilidade da mulher, sempre dependendo de um outro para protegê-la. Ao mesmo tempo, fica evidente que a cotidianidade mediana não prepara a mulher para reconhecer certas situações de risco e a aprender a lidar com elas, até porque algumas dessas situações são bastante naturalizadas.

No decorrer da entrevista, Simone vai contando sua história em relação aos seus relacionamentos amorosos e aos dois casamentos. Entremeadas a essas falas, percebe-se situações que prenunciaram algum tipo de violência:

Namorei, namorei, namorei muito... mas quando eu me apaixonei... (...) vivi dois anos com o pai do meu primeiro filho... (...). Vivi dois anos com o pai dele... e aí eu descobri que ele era uma pessoa violenta, que eu sofri algumas situações, é... difíceis na mão dele. Eu não cheguei a sofrer violência doméstica porque a primeira vez que ele... (...) e eu fui confrontar ele, e ele falou assim [interrompe] tipo assim, ele foi agressivo, ele “para com isso!” (...) E quando ele levantou a mão para mim, que ele falou “tu vai ver só, tu me paga!” Foi só essa vez. Porque eu sempre fui uma pessoa, assim, muito... sou da [interrompe] sou de humanas, real, mesmo. Eu sempre fui uma pessoa muito, assim, engajada, muito política... aí eu disse “não, ele não, ele não vai levantar a voz pra mim nunca mais”. E eu fugi... eu fugi dele de madrugada, com meu filho de 2 anos no braço, peguei um táxi... chamei minha família, e meu pai foi me acudir, e aí... eu fui embora. E eu deixei dele, e levei o filho dele.

Observamos que no início desta fala, Simone diz não ter sofrido violência doméstica, mas a continuidade do discurso deixa evidente situações que remetem à violência. A ideia de que violência doméstica só se resume à violência física ainda é muito naturalizada no Brasil. Ameaças e gritos parecem não ser compreendidas como formas de violência. Ser-mulher pode ser, muitas vezes, estar em relacionamentos de forma vulnerável, suscetível a violências decorrentes do machismo, do patriarcado, das relações de poder desiguais socialmente construídas entre homens e mulheres. Simone atribui sua reação, à ameaça de violência do primeiro marido, ao fato de ser politicamente engajada com as questões sociais. Ela considera que, por ser da área de humanas, consegue enxergar certas situações de maneira mais crítica. Além disso, teve o apoio de sua família para sustentar sua saída do relacionamento abusivo.

A pergunta sobre ser-mulher afetou Simone em sua abertura, e a elaboração do sentido (compreensão e linguagem) caminhou em direção aos seus casamentos, como se ser-mulher estivesse sempre atrelado ao relacionamento com um outro. Sobre o segundo casamento, ela comenta:

Eu parei 3 anos de trabalhar pra... ficar só com a minha filha. Os primeiros 3 anos da vida dela, né, primeiro ensino, infância. (...) ele começou a ter uma ascensão profissional muito importante na empresa que ele trabalha. E ele começou a ser arrogante dentro de casa, comigo... e ele passava na minha cara um monte de coisa, tipo, com relação ao sustento da casa. Aí eu falei que eu não ia mais aceitar aquilo, que eu ia voltar a trabalhar... aí eu tirei minha carteira, comecei a fazer inglês, aí eu voltei a trabalhar. Aí ele surtou. Teve, teve uns... surtos de fúria dentro de casa, comigo... alguns dias, até que um dia ele me ameaçou, que se eu fosse pro trabalho, ele não viria mais, é... [interrompe] ele ia arrumar as coisas dele e ia embora. Eu falei “então você vai embora hoje, porque... eu não vou parar de trabalhar nunca mais... por causa de homem.” E aí eu fui pro trabalho, e quando eu cheguei tava pronta, e ele tava de saída, né...

Depois de dois casamentos abusivos, Simone não sente mais confiança em relações amorosas: “Fiquei abalada, hoje eu admito muito... mas eu perdi muita confiança nas relações, é, amorosas, entre homem e mulher... entendeu?”

Portanto, ser-mulher perpassa agora pelo ser-divorciada, significando, para ela, vulnerabilidade a assédios, muitas vezes em função de um “saudável entendimento humano” (Holzhey-Kunz, 2018) que diz que mulher não pode ficar sozinha:

A senhora é casada? A senhora mora com quem? Aí eu vou... ali, rodeando um pouquinho, mas quando eles chegam a realmente... a saber com o tempo, com a convivência, que eu sou divorciada, que mora só eu e minha filha... aí normalmente eles têm alguma gracinha... sabe? “Ah, quando é que a senhora vai... convidar a gente para tomar um vinho lá... na sua casa?” Aí pensa assim, que porque a gente mora só, a gente é divorciada, a gente tá disponível pra qualquer um, né? Então eu tomo cuidado, hoje em dia, com essas coisas, sabe? Eu fiquei meio assim... quando eu vejo, assim, que a sociedade ainda não aceita muito bem as mulheres que têm... empoderamento, entendeu? Porque eu não, eu não me vejo [interrompe] eu não me

sinto, eu não tenho pena de mim. Eu não me sinto assim: “ah, eu sou divorciada”, não, eu acho... de boa, eu acho até melhor, acho que... tem certas coisas que, hoje, eu penso assim... que são livramentos, realmente, entendeu?

Que mais eu desenrolo bem, eu tenho algumas pessoas amigas por perto, vizinhos e tal, aí eu ligo e tem pessoas que vêm e fazem esse serviço pra mim. Eu não fico incomodando, mas ela cobra, entendeu? De com quem a filha fica... aí eu, pra não dar, não criar conflito, eu não divido muito com ela algumas situações, porque senão ela acha um absurdo eu viver sozinha, sabe? Acha um absurdo! “Tu tinha que ter casado de novo, ter uma pessoa pra fazer as coisas pra ti, porque”, sabe, [risada] assim. E marido, pra mim, não é... não é esse aspecto de marido pra mim, entendeu? Mas ela acha que tem que ter um marido pra... né? [Risada]

Dessa maneira, Henriques (2016) comenta que fica difícil sustentar um empoderamento diante da ideia generalizada de que a mulher é menos capaz.

À medida que vai contando sua história, Simone vai elaborando algumas compreensões sobre ser-mulher:

Então, assim... eu vejo que o, o [interrompe] certos homens colocam esses limites quando a gente casa, entendeu? E aí a gente aceita. A gente se submete. (...). É cultural, mesmo. É cultural. A gente aprende desde criança, a gente vê a mãe fazer, a gente vê as outras fazerem, e todo mundo é assim, todo mundo faz, a gente acha que é assim que tem que fazer. A gente só vai aprender que pode fazer outras coisas depois. E não tinha essa consciência disso “poxa, quem é essa pessoa? O que que eu vou fazer?” Não tinha isso, não. Sentia vontade, gostava da pessoa, ficava com a pessoa... entendeu? Então... mas tudo por falta de, de... eu acho, assim, de uma iniciação mesmo, de conversar com outra mulher sobre isso, né, como... ouvir a experiência de outras pessoas, entendeu? Não tinha isso na minha família, não. Eu sou da, eu sou da época que... as mães iam conversar coisas sobre os maridos, mandavam as crianças saírem da sala, entendeu?

Toda essa experiência de relacionamentos desiguais, des-cuidados, traz um receio que aqui pode ser considerado como uma preocupação consigo, saindo do foco do outro para si:

Então a gente se torna mais seletiva... entendeu? Eu tenho muito... cuidado, de conversar, de me aproximar e... e de falar da minha vida abertamente, de conhecer alguém... entendeu? Assim... e... e aí é isso. Então, estamos aí há dois anos [risada] tentando... tentando arranjar uma brecha na vida, ver se ainda dá pra... pra ter algum romance ou não... mas... vamos esperar.

Para a mulher, são naturalizados o casamento e a maternidade, uma exigência de ocupação (Besorgen) com as coisas, com os afazeres domésticos, com a casa. Parece que ser-mulher é estar sempre em prol do outro, como marido, filhos e/ou sociedade. Vai se evidenciando também, para Simone, que exercer solicitude (Fürsorge) consigo mesma é ficar condenada social e culturalmente à perda de si. Além disso, é naturalizada essa dependência de um outro, da necessidade de proteção,

geralmente de um homem, mas, paradoxalmente, são estes os que mais proporcionam situações de violência contra a mulher. Diante das experiências de afetividade e sexualidade de Simone, podemos nos perguntar como outras mulheres podem desenvolver sua alteridade, construírem um projeto de si como coloca Henriques (2016) ou desenvolverem solicitude (Fürsorge) amorosa consigo mesmas (Borges-Duarte, 2021)? Uma resposta possível é questionar o “saudável entendimento humano” e as tradições que impõem naturalizações sobre o ser-mulher e proporcionando espaços de fala para as meninas, que sem maior criticidade sobre seu ser, se colocam em situações de risco, de des-cuido, e se tornam mulheres, muitas vezes, sem um projeto existencial de um poder-ser que lhe é mais próprio.

Ser-sexuada, agora, é existir consigo e/ou com o outro

A segunda temática desenvolvida no processo de análise se relaciona com a compreensão elaborada por Simone sobre suas experiências com a sexualidade. Um primeiro ponto que chama a atenção é a maneira como (não) aprendeu sobre sexo e suas nuances:

Eu não aprendi nada com a minha mãe. Nada. Minha mãe nunca conversou comigo sobre isso. Eu aprendi [interrompe] na minha época, a internet eram as revistas, né? Capricho... (...). E aí a gente lia, e, às vezes, eu levava pra casa, aí levava pra escola, conversava com minhas outras colegas, e a gente ia na curiosidade na adolescência descobrindo essas coisas. E... nisso eu apanhei um bocado, porque, assim, é... é, às vezes fazia certas coisas e não sabia o direito que era, aí quando [interrompe] depois eu me arrependia.

A falta de um conhecimento sobre sexualidade na adolescência proporcionou a abertura para vivências nem sempre prazerosas e ainda contribuiu para uma certa culpa e mal estar:

Lembro que a... a primeira vez que eu fui pra um lugar com um namoradinho que teve um amasso, mesmo, que ele passou a mão e... e tudo aquilo, eu me assustei muito com aquilo, mas, assim, eu sou assim: eu tô assustada, mas... não deixo, não deixo ninguém perceber. De lá, aí eu fui “meu Deus”, e quando eu cheguei em casa, eu me senti tão mal, eu me culpei, eu chorei, achava que eu ia pro inferno, um monte de coisa, sabe?

Sua aprendizagem sobre sexualidade foi se consolidando ao longo do tempo, mas a impressão é que Simone passou por muitas dificuldades e des-cuidos por falta de um conhecimento e de uma reflexividade sobre essa temática.

Mas... eu fui entender, mesmo, da questão de sexualidade como opção, como prazer, relação entre... sexual, assim, mais, assim, na prática [interrompe] eu já acho, eu já até tinha filho, quando eu já era adulta, foi que, realmente, fui entender algumas coisas, de fato. Na minha adolescência, foi tudo experiência, foi tudo aprendendo com a experiência, entendeu? Não, não tinha, assim, muita orientação, não. Não tinha mesmo.

Além da culpa por vivenciar sensações desconhecidas (quando experienciou o “amasso” com o namorado), parece não ter tido acesso a conhecer formas contraceptivas e mesmo as possibilidades de engravidar durante o intercuro sexual. Consequentemente, a falta de um conhecimento mais aprofundado sobre a sexualidade em sua adolescência trouxe repercussões em sua existência: “E... aí eu te digo [interrompe] é esse aspecto que, às vezes, a gente faz as coisas e se arrepende. Como a gente aprendia muito sem orientação, acabava errando, entendeu?”. E segue:

Entrevistadora: E qual é o impacto que você acha que teve pra você, essa forma de aprender sobre sexualidade? Depois, assim, na vivência da sexualidade?

Entrevistada: Eu acho que foi ruim. Foi ruim... é... porque eu já fiz um aborto.

(...) e quando chegou na adolescência, que eu fui fazer universidade, eu morei na casa dessa amiga da minha mãe. E ela sabia [interrompe] ela percebeu, porque... é, eu tava muito apaixonadinha por um vizinho, (...). E ela percebeu umas mudanças [interrompe] ela que percebeu em mim umas mudanças...(...). E aí ela foi conversar comigo, aí me levou ao médico, e a gente constatou a gravidez. E eu me desesperei, porque “como é que eu ia falar isso pra minha mãe...” entendeu? Por causa daquela família tradicional. Aí... ela me ajudou. Me levou no médico... que pagava, a gente conseguiu o dinheiro, porque meus pais mandavam o dinheiro pra mim, né... e a gente fez o aborto.

Uma justificativa para essa falta de orientação poderia ser o tempo vivido por Simone. Naquela época, anos 1980, sexo talvez fosse ainda mais tabu do que hoje. No entanto, os índices de gravidez na adolescência e de abortos realizados no Brasil ainda é bem significativo, de maneira que fica o questionamento sobre se essas jovens da atualidade realmente conhecem seu corpo, sua sexualidade, os métodos contraceptivos, ou se ainda predominam discursos moralistas sobre sexualidade e essas jovens não têm espaço para expor suas dúvidas, seus desejos, seus projetos.

Para além da falta de conhecimento sobre sexualidade, Simone se permitiu experienciá-la com o que tinha de informação na época e segue descrevendo suas experiências:

As primeiras relações sempre foram... muito, assim, de... de satisfazer o menino... entendeu? Nunca tinha, é, não tinha essa [interrompe] a gente fica curiosa, né, “o que é esse tal de orgasmo?” Mas nunca... tinha... Eu já fui sentir o que era isso, realmente, quando eu já tava, assim, na faculdade, por exemplo. Que a gente já conversava mais com o parceiro, também, né? Aí a gente já pergunta, aí a gente já [interrompe] e ele também pergunta, e aí a gente já vai, aí que eu fui entender melhor os caminhos. Mas essa questão de... de “o que que eu quero”, de “como eu quero fazer sexo”, isso foi uma coisa, assim, muito já da idade adulta, já, entendeu? Antes era só como os meninos conduziam as coisas, e eu ia... conforme a dança, entendeu? Não tinha, assim, muita de, de... eu saber exatamente o que tava acontecendo, do que eu queria, entendeu? Acho que eu queria porque todo mundo fazia.

Fica evidente neste excerto o quanto a tradição, sob a forma do falocentrismo, permeia a experiência da sexualidade da mulher, que tem seu prazer sempre secundarizado em detrimento do prazer do outro. Isso leva a crer que não há a construção e a apropriação de um projeto existencial,

mas simplesmente aquilo que é dado na cotidianidade mediana. Nesse contexto, muitas meninas seguem proporcionando prazer ao parceiro, mas sem saber exatamente como se proporcionar esse prazer. Com as experiências de des-cuido e talvez por seu engajamento social e político é que Simone vai se descobrindo e se permitindo ter prazer em suas relações. Como diz Casanova (2021), os modos hegemônicos de se vivenciar a sexualidade não são frutos de uma natureza humana, mas de discursos naturalizados que assumem esse caráter de normatividade cotidiana. E, como são naturalizados, não são postos em questão, logo, muitas mulheres seguem sem saber o que lhes dá prazer, sem se apropriarem de si, vulnerabilizando-se.

Ao comentar sobre as possibilidades da sexualidade, Simone passa a trazer outros elementos que não estavam presentes em sua juventude, pois a experiência, a crítica nascida de suas leituras e vivências na profissão, bem como a maturidade vão abrindo espaço para essas reflexões e possibilidades. Vejamos o que Simone diz sobre isso:

O exercício da sexualidade é uma coisa muito mais do que tudo isso que eu vi. É... eu tenho uma incógnita hoje, assim, até hoje, é... em alguns momentos, eu tive... sobre [interrompe] dúvidas sobre essa minha questão de opção sexual.

Eu tive umas duas ou três amigas ao longo da minha vida, e... que foram mulheres e que... eu quase acredito que se eu não fosse, assim, tão encaixotada, eu teria tido relacionamentos, é, bissexuais, em alguns momentos. Eu tenho... muita clareza isso em mim, hoje, hoje, eu tenho isso, entendeu?

Em alguns momentos, quando a gente sente alguma coisa, é aquilo “será que é isso?” Aí eu me afastava da pessoa, entendeu? Então, assim, eu não vivi... essa sexualidade plenamente. Eu tenho consciência disso. E tive muitos tabus, muitas coisas construídas, que eu não consegui viver tudo o que eu queria, eu acho que eu vivia era mais por rebeldia, entendeu? Era como se eu quisesse sair daqui, daquela pressão, e eu me lançava e eu fazia. Mas, assim... eu tenho consciência hoje que sexualidade é muito mais... do que tudo isso que eu vivi, entendeu? Mas... [risada] nunca é tarde, não sei [risada].

As afetações e as compreensões proporcionadas por suas vivências ao longo de sua existência, bem como o espaço dado para a elaboração de um discurso próprio sobre essas vivências, contribuem para reflexões que podem começar a fazer parte de um projeto existencial com menos subordinação a uma tradição encurtada (Casanova, 2021). Ou seja, aprender sobre sexualidade, conhecer seus próprios desejos, refletir sobre os sentidos dos relacionamentos parece ser fundamental para o desenvolvimento de suas possibilidades de ser. Além disso, se politizar sobre seu próprio corpo e aprender a questionar os discursos que restringem os modos de vida foi importante para Simone. Simone traz alguns comentários sobre essas questões:

Olha... eu tive pensando sobre isso, é... que se, hoje, eu fosse ter um... uma experiência, é... digamos de... por exemplo... casar de novo, ter um parceiro fixo, alguma coisa assim, eu acho que... eu ia fazer outras escolhas... entendeu? Eu penso, assim, que, por exemplo, manter a minha autonomia, manter a minha casa, eu, tipo

assim, eu na minha casa e ele na dele, a gente se vê quando a gente quisesse, não fosse uma coisa obrigatória, porque no casamento tinha muito isso, também, a questão do sexo por obrigação, foi uma coisa que me oprimiu muito no meu segundo casamento, entendeu? (...) Então essa questão de fazer sexo por obrigação, isso é uma coisa que nunca mais queria fazer. E... eu queria viver isso com mais plenitude, entendeu? De, de opinar, mesmo, tipo assim, “ah, hoje eu quero dormir num hotel, só eu e você, eu quero fazer desse jeito” e, e de dizer mais, e de experimentar mais... pra, pra eu saber e sentir... sentir, saber o que eu tô sentindo, e entender o que eu tô sentindo, porque eu acho que eu fui muito, assim, de, de deixar os homens conduzirem as coisas, entendeu? (...) eu tenho curiosidade de saber disso, se eu vou ainda conseguir exercer isso, entendeu? Porque a vontade é essa, eu não tenho mais aquela coisa de “ah, casar, ou ter um marido, ou tentar isso...” não, eu não quero mais isso, isso é resolvido da minha vida, eu quero um parceiro, entendeu? Eu penso assim. Talvez por isso... eu acabe afastando alguns homens, né, porque os homens, eles querem conduzir as coisas, entendeu? Eles querem te escolher, eles querem dizer pra você... e aí eu não consigo... entendeu?

Termos como autonomia, plenitude, poder opinar, experimentar, escolher por si mesma, dizem de um exercício de liberdade que precisa ser mais bem apropriado pelas mulheres. Esse movimento de desenvolver um projeto de si mais próprio pode ser iniciado com a psicoterapia, mas também com leituras e reflexões sobre a temática. Experiências em grupo, rodas de conversa e outras práticas coletivas tem se mostrado muito interessantes para o desenvolvimento de espaços de reflexão. (Azevedo & Alvarez, 2014).

Ao longo da entrevista, a participante vai aprofundando algumas impressões e as barreiras que pareciam estar presentes no início da conversa vão desvelando opiniões mais próprias:

Os machistas não passarão. Eu acho que você tem que fazer constantemente trabalhos de, de, a sociedade perceber que é preciso a mulher ter o seu espaço, e a sua voz, e as suas escolhas, e que os homens não têm o direito de oprimir as mulheres. Eu acho que isso não vai acabar. Acho que isso é uma coisa realmente enraizada na sociedade, e não vai passar, não, eu acho que a gente é que não pode desistir, entendeu? Talvez, a longo prazo, talvez meus netos, minhas netas vejam empoderamento maior das mulheres, mas acho que a gente ainda tá bem longe. (...). Mas, eu acho que eu já vejo, eu já vejo, hoje, muita coisa já mais diferente. Eu vejo muito, assim, meninas que se casam e logo já querem se separar porque não toleram certas coisas, já levam, assim, já, ao extremo: “ah, eu vou [interrompe] não vou aguentar, vou me separar.” Às vezes, não, você tem que conversar, ver se seu relacionamento dá pra... consertar e tal, mas, assim... eu vejo, já, as meninas não tolerando mais certas coisas como meninas da minha geração toleravam muito. Então, hoje, eu já vejo um movimento mais nesse sentido, eu acho que tem como, como mudar, assim, mas tem que ter muito trabalho, entendeu? As instituições têm que ajudar... escola, tem que conversar muito, tem que ter muita, muita... conversa sobre isso dentro das escolas, mais espaços de voz pras mulheres falarem o que sentem, entendeu? Porque eu vejo as adolescentes lá do coletivo onde a gente trabalha, que elas têm as mesmas dúvidas, os mesmos problemas de quando eu era adolescente.

Fica evidente a importância de conhecer e refletir sobre a sexualidade desde jovem, posto que a sexualidade é uma experiência ôntica e ontológica da existência. O espaço para que jovens mulheres conheçam e reflitam sobre sua sexualidade não pode ser tão moralista e moralizante como preconiza a tradição, mas que contribua para ampliação do seu próprio saber e do seu próprio sentir. Como afirma Rodrigues (2020), “é preciso que nos coloquemos em uma posição capaz de ouvir aquilo que nos interpela, que estejamos abertos à essencialidade do fenômeno, com toda a sua eventual carga disruptora, com todo o seu caráter de estranheza” (p.109).

Então, tem que normalizar isso, a mulher viver sozinha. E por que não? E deixa ela na casa dela, deixa ela com o trabalho dela, entendeu? Porque é muito, assim, cultural, “não pode viver só, mulher tem que ter marido, mulher...”, sabe? Essa obrigatoriedade de você ter marido, de você ter um padrão de comportamento, você não pode ser sozinha, você não pode sair sozinha, você não pode ter seu carro e sair sozinha, você não pode pagar sua conta... ainda é muito forte isso, entendeu? Eu vejo muito, bonito na televisão, entendeu? Nos filmes, nas novelas, o empoderamento feminino, as mulheres sendo o que elas querem, mas, na verdade, na prática, aqui no chão, amiga, ainda tá bem difícil. Eu sei.

Há quem defenda a importância da educação sexual para que as mulheres consigam experienciar de maneira plena a sexualidade. “Percebe-se, assim, que uma educação adequada poderia minimizar dúvidas, despreparo, questionamentos e dificuldades, além de proporcionar melhorias nas vivências da sexualidade.” (Crema & Tilio, 2021, p.13). No entanto, antes de proporcionar espaços de discussão sobre sexualidade, faz-se necessário pensar sobre ser-mulher-no-mundo e em que situação hermenêutica essa mulher quer estar no mundo. As informações proporcionadas pelas ações educacionais talvez tenham mais sentido em mulheres que se sentem livres para vivenciar o prazer, sendo um prazer proporcionado por uma relação de igualdade com a parceria, de troca, de afeto, de compartilhamento de expectativas. Para isso, muito mais do que saberes técnicos sobre a sexualidade, a mulher, primeiramente, precisa apropriar-se de si, mudar sua situação hermenêutica enquanto ser-no-mundo (Butler, 1990; Borges-Duarte, 2022; Henriques; 2016).

Por fim, diante dessa compreensão dos textos e da análise da situação hermenêutica, fica evidente a necessidade e as possibilidades de mudança e de desenvolvimento de novos projetos de si, o de ser-mulher-sexuada consigo mesma ou com um outro. E que esse outro, se houver, seja realmente um parceiro e não um algoz.

Considerações finais

Observa-se que a história da entrevistada em relação à sua sexualidade foi permeada de tabus e medos. Seu primeiro relacionamento culminou em uma gravidez não desejada, por falta de conhecimento, tendo feito um aborto aos 17 anos. Percebe-se, em seus relacionamentos conjugais, uma vivência de ser-para-o-outro, uma idealização do casamento como algo em que a mulher deve se dedicar ao cônjuge. A idealização do casamento e a falta de conhecimento sobre sexualidade contribuiu para uma tradição encurtada sobre sua experiência de ser-mulher no mundo.

Simone relata que na adolescência focava muito no prazer do outro, fruto da absorção da cotidianidade mediana. Com o decorrer do tempo, foi aprendendo sobre sexualidade e percebendo um poder-ser no sentido de identificar como desejava o sexo para si. Ela considera que a sexualidade é muito mais do que se pensa e ainda se coloca como Dasein que vê outras possibilidades para si, além da heterossexualidade. Fica evidente que refletir sobre a temática, problematizar seus modos de aprendizagem, bem como questionar o que se impõe como norma, pode ampliar as possibilidades de uma experiência mais própria e mais cuidada em relação à sexualidade. Simone considera que, tem sido muito importante sua vivência em um mundo social e politicamente engajado o que lhe possibilitou assumir um cuidado mais próprio sobre sua existência e sobre sua sexualidade. Nesse sentido, podemos concluir que, no decorrer de sua existência, Simone teve experiências difíceis em relação à sua sexualidade e afetividade, principalmente por falta de conhecimento. Para ela, tem sido importante seu engajamento filosófico e político para uma apropriação de um projeto de si. Conhecimento e engajamento em sua própria existência... seria esse um caminho possível para outras mulheres vivenciarem mais plenamente a sexualidade?

Referências

- Azevedo, L.F.M. & Alvarez, P.E.S. (2014). Rodas de conversa em saúde mental com trabalhadores da atenção primária em saúde. *Carpe Diem: Revista Cultural e Científica do UNIFACEX*, Natal-RN, 12(01), 01-15.
- Beauvoir, S. (2016). *O segundo sexo – A experiência vivida*. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beraldo, A.B., Birchall, T.S. & Mayorga, C. (2017). O aborto provocado: um estudo a partir das experiências das mulheres. *Revista Estudos Feministas*, 25(3), 1141-1157. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1141>
- Borges-Duarte, I. (2022). Situação hermenêutica e projeto de mundo: habitar como? In: Dutra, E. (Org.), *Sofrimento e historicidade. O desamparo ético-político na contemporaneidade*. Rio de Janeiro, Via Verita, 2022, 29-48.
- Borges-Duarte, I. (2021). *Cuidado e afetividade em Heidegger e na análise existencial fenomenológica*. Rio de Janeiro: Ed. PUC/Rio: Nau Editora; Lisboa: Editora Sistema Solar – chancela Documenta.
- Brandão, E. R. & Lopes, R. F. F. (2018). “Não é competência do professor ser sexólogo” O debate público sobre gênero e sexualidade no Plano Nacional de Educação. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 18(1), 100-123. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28265>
- Butler, J. (1990). Actos performativos y constitución del género: Un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. In S. H. Case (Org.). *Performing feminisms: Feminist critical theory and theatre* Johns Hopkins. (p.296-314).

- Casanova, M. (2021). *Existência e transitoriedade: gênese, compreensão e terapia dos transtornos existenciais*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Crema, I. L., & Tilio, R. (2021). Gender and sexuality in intimate relationships: interpretation and experiences by elderly women. *Psicologia: teoria e prática*, 23(2), 1-22. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPSP12948>
- Detoni, P.P., Machado, P.S. & Nardi, H.C. (2018). “Em nome da mãe”: performatividades e feminizações em um CRAS. *Revista Estudos Feministas*, 26(1), 01-17. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n145084>
- Feijoo, A.M.L.C. (2011) *A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro (RJ): Graal.
- Foucault, M. (1994). *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 7ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Graal.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Trad. Org. Fausto Castilho. Campinas, SP: Ed. da Unicamp; Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Heidegger, M. (2015). *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Henriques, F. (2016). *Filosofia e gênero: outras narrativas sobre a tradição ocidental*. Lisboa: Ed. Colibri.
- Holzhey-Kunz, A. (2018). *Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*. Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Marquetti, F.R. & Marquetti, F.C. (2017). Suicídio e feminilidades. *Cadernos Pagu*, (49). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700490021>
- Rodrigues, J.T. (2020). *Angústia e serenidade: a psicopatologia contemporânea em diálogo com Heidegger*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Zanello, V., Fiuza, G. & Costa, H.S. (2015) Saúde mental e gênero: facetas engendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), p. 238-246. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1483>